

A INTERGERACIONALIDADE DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO

Madalena Sofia Oliveira

Doutoranda em Ciências Sociais - Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP
madalena@ufp.edu.pt

Ana Isabel Sani

Professora Auxiliar
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP
anasani@ufp.edu.pt

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO: OLIVEIRA, Madalena Sofia ; SANI, Ana Isabel - A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.** Porto : Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0502. 6 (2009) 162-170.

RESUMO

Este artigo reflecte uma revisão dos modelos explicativos da violência nas relações de namoro na adolescência. Existem diferentes abordagens para a compreensão deste fenómeno. O modelo da transmissão intergeracional da violência é um dos mais aceites, referindo que existe uma relação entre experienciar violência na família de origem durante a infância e vivenciar violência em relações de namoro futuras.

PALAVRAS-CHAVE

Violência intergeracional; família; relações de namoro; adolescência.

ABSTRACT

This article is a review of theoretical models of dating violence in adolescence. There are different approaches that try to explain the emergence and prevalence of this phenomenon. Intergenerational transmission of violence model is one of the most accepted, meaning that there's a link between experiencing violence in the family of origin in childhood and dating violence in future relationships.

KEYWORDS

Intergenerational violence; family; dating relationships; adolescence

1. TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA VIOLÊNCIA

A violência intergeracional consiste numa problemática que tem vindo a adquirir um enorme reconhecimento junto da comunidade científica, suportada por investigação empírica que comprova que a exposição a violência durante a infância tem sido ligada à vitimação e perpetração de violência nas relações de namoro, onde ambos os géneros têm um papel activo (Gover, Kaukinen & Fox, 2008).

A reprodução de comportamentos violentos ao longo de gerações tem vindo a ser debatida na literatura, focalizando-se a base etiológica, muito frequentemente, em modelos de aprendizagem social que apontam a observância de comportamentos e modelos de conduta violenta como estando na base da transmissão da violência intergerações. A perspectiva da transmissão intergeracional da violência baseia-se nos pressupostos da Teoria da Aprendizagem Social, ou seja, defende que os sujeitos que foram vítimas ou testemunharam comportamentos de violência na família de origem apresentam uma maior probabilidade de virem a desenvolver comportamentos violentos no futuro (Widom, 1989) ou a ser vítimas de violência nas suas relações (Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007). Apesar de haver já alguma investigação realizada nesta área os mecanismos específicos através dos quais se dá esta influência continuam a não ser muito claros. Na literatura encontra-se explanado que a violência poderá ser aprendida através da modelagem do comportamento abusivo dos pais. Explicações alternativas avançam com o argumento da predisposição genética para comportamento agressivo. Outros autores sugerem que a transmissão intergeracional é causada pela combinação de factores genéticos e sociais (Kaufman & Zigler, 1993). Neste sentido a nossa proposta assenta na exploração destas vertentes explicativas, que fornecem argumentos de base empírica para a transmissão intergeracional da violência nos relacionamentos interpessoais.

1.1. FACTORES SOCIAIS: FAMÍLIA E GRUPO DE PARES

De acordo com a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura a maior parte dos comportamentos humanos aprendidos são adquiridos através da instrução directa e da observação dos comportamentos de outras pessoas (Bandura, 1986; Bandura & Walters, 1963; Miller & Dollard, 1941, cit. in Neto, 1998). A aplicação desta teoria à problemática da violência permite-nos perceber que poderá existir uma tendência para maltratar quando os sujeitos cresceram imersos num contexto social violento.

A família, local de socialização primário, surge como local privilegiado de aprendizagem no qual a criança apreende os papéis desempenhados pelas figuras modelo. Se neste ambiente existem episódios de violência, estes vão ser absorvidos pela criança, recorrendo à modelagem dos comportamentos. Os comportamentos são incutidos pela observação e imitação dos outros e mantidos através de diferentes reforços (Bandura, 1973, cit. in Jackson, 1999; Luthra & Gidycz, 2006). A manifestação não terá que ser necessariamente fiel à conduta observada, podendo o sujeito replicar, quer idênticos quer diferentes modelos e comportamentos violentos. Os comportamentos socialmente aprendidos no meio familiar são frequentemente reproduzidos pelos adolescentes nos espaços extrafamiliares, configurando-se, muitas vezes, em atitudes de permissividade e violência, nomeadamente nas relações de intimidade. Os adolescentes tornam-se, assim, transmissores culturais dessa conduta, que gera para si mesmos, conflitos interpessoais e risco de se tornarem tanto agressores quanto vítimas, com a possibilidade de perpetuar a violência intergeracional.

Segundo a Teoria da Aprendizagem Social, tanto os comportamentos do agressor como os comportamentos da vítima são resultado das aprendizagens efectuadas no seio da família de origem ou do grupo a que pertencem (Owens & Straus, 1975; Banyard, Arnold & Smith, 2000). Uma das estratégias utilizadas pelas crianças reporta-se à imitação dos comportamentos que observam, o que, no caso de situações de violência interparental, pode potenciar o recurso à violência no futuro.

De acordo com Kalmuss (1984), testemunhar actos de violência durante a infância constitui um dos factores de risco de agressão marital mais significativos. É ainda na família que se inicia a aprendizagem de valores morais que legitimam o uso da violência (Gelles, 1997). Por exemplo, alguns estudos demonstram que mulheres que sofreram maus-tratos enquanto crianças aceitarão mais facilmente uma futura vitimação por parte do companheiro, uma vez que assumem que o amor está associado aos maus-tratos (Straus & Kantor, 1994, cit. in Matos, 2002). Por sua vez, no que compete aos perpetradores, foram obtidos resultados que apontam para a existência de uma relação entre comportamentos violentos por parte do marido para com a esposa e o facto de terem assistido a episódios de violência na infância (Roy, 1997, Straus et al., 1980, cit. in Gillioz, De Puy & Ducret, 1997). A teoria da aprendizagem social dirá que, comparativamente às pessoas que têm um passado de violência familiar, pessoas de famílias sem esse historial têm maior probabilidade de desenvolver modelos positivos das relações e formas mais eficazes de lidar com os conflitos. Também terão menor probabilidade de tolerar o comportamento abusivo de um parceiro: um passado familiar sem violência pode ser visto como factor protector relativamente à experiência de violência em relações futuras, e será menos provável que surjam situações de violência em casais nos quais apenas um membro vivenciou violência na família de origem (Kwong, Bartholomew, Henderson & Trinke, 2003).

Os estudos que focam as relações de namoro apresentam dados muitas vezes contraditórios. Alguns investigadores descobriram que observar a violência parental reduz a probabilidade de experienciar ou perpetrar a violência numa relação de namoro (Breslin et al., 1990; Gwartney-Gibbs et al., 1987; J. Smith & Williams, 1992, cit. in Jackson, 1999). Pelo contrário, o trabalho de Bernard e Bernard (1983 cit. in Jackson, 1999) indicava que os exactos tipos de agressão observados ou experienciados na família de origem eram perpetrados em relações de namoro.

Enquanto que os pais providenciam a aprendizagem num contexto social, os grupos de pares fornecem outro. Alguns investigadores examinaram o papel da aprendizagem no grupo de pares, concluindo que o indivíduo do sexo masculino é agressivo no namoro, influenciado pela observação de determinados comportamentos neste contexto (Jackson, 1999). Tendo por base a Teoria da Aprendizagem Social, Boeringer (1991, cit. in Jackson, 1999) descobriu que os grupos de pares forneceram uma influenciável base de aprendizagem social, o que promove o uso do comportamento sexual não físico coercivo. Da mesma forma, Dekeseredy e Kely (1995, cit. in Jackson, 1999) identificaram reforços directos do comportamento abusivo por parte dos sujeitos do sexo masculino, no interior do grupo de pares. A pressão do grupo, associado à necessidade de se sentir elemento de pertença de algo, faz com que a perpetração de violência nas relações de namoro seja uma conduta aceite e, mais grave ainda, reforçada. O estudo de Lavoive, Herbert e Dufort (1995, cit. in Jackson, 1999) revelou que a influência dos pares nas experiências violentas é significativamente superior do que um historial familiar violento. Em particular, o relativizar da violência por parte dos amigos é um factor chave para a vitimação de mulheres.

De acordo com Kalmuss (1984), a transmissão intergeracional da violência envolve dois mecanismos de aprendizagem social, modelagem generalizada e modelagem específica. A modelagem generalizada refere-se à aceitação de qualquer agressão entre membros da família e pode aumentar todas as formas de agressão familiar nas gerações seguintes. Modelagem específica ocorre quando os indivíduos apenas reproduzem tipos particulares de agressão aos quais foram expostos. Bandura referiu que os sujeitos raramente replicam apenas o tipo de violência ao qual foram sujeitos, combinam vários modelos e comportamentos observados, de forma diferente às fontes originais, o que aumenta a possibilidade de que alguém que tenha assistido ou experienciado situações de violência física na família de origem possa desenvolver comportamentos de violência física e psicológica.

Os modelos de Aprendizagem Social apresentam algumas limitações (Dutton, 1999). Segundo o autor, tais modelos são baseados na aprendizagem por observação, porém alguns estudos revelam que uma parte significativa das pessoas que testemunham violência na família de origem, mais tarde, não pratica comportamentos violentos. Outro aspecto a mencionar é o considerar-se a agressão irracional mais um resultado de características internas do sujeito do que de processos cognitivos decorrentes de eventos externos, o que contraria o efeito directo da observação. Por outro lado não existe ainda explicação para o facto de uma vítima de violência familiar se tornar perpetrador de abuso na relação, assim como com dificuldade se explica porque é que alguns pais embora possam ter sido maltratados enquanto crianças, não se tornam, na sua maioria pais abusivos (Kaufman & Zigler, 1993; Widom, 1989). De acordo com Kalmuss (1984), as associações entre violência na família de origem e subsequente abuso nas relações íntimas são consistentes, mas não fortes para compreender a transmissão intergeracional da violência. O problema é complexo e pode apenas ser parcialmente explicado pela teoria da aprendizagem social.

1.2. FACTORES INDIVIDUAIS: INTRA E INTERSUJEITO

A compreensão das violência nos relacionamentos íntimos desde cedo foi pautada por explicações de cariz individual, sendo sobretudo apontadas características de natureza biológica e psicológica com podendo estar na origem das disfuncionalidades das relações. O curioso de algumas perspectivas é que, não colocando de parte os modelos de aprendizagem social, abordam a questão da transgeracionalidade tomando os factores internos ao sujeito como o cerne da explicação para a perpetuação de violência nas relações de namoro.

Avakame (1998) desenvolveu um estudo no qual o conceito de auto-controlo de Gottfredson e Hirschi é seleccionado para mediar a relação entre violência na família de origem e agressão psicológica conjugal. Os resultados obtidos indicam que a violência dos pais tem uma maior probabilidade de exercer um efeito de amplificação da agressão do que a agressão perpetrada pelas mães. De acordo com esta perspectiva, a família para além de funcionar como entidade que viabiliza comportamentos violentos, vai também facilitar a interiorização de valores que legitimam a utilização da agressividade, relacionados com as atitudes e crenças face ao recurso à violência (Gelles, 1997). Os próprios pais tendem a utilizar estratégias e práticas parentais semelhantes às que receberam na infância (Van Ijzendoorn, Safi & Lambermon 1992), sejam elas positivas ou negativas. Porém, crescer num lar onde prevalece a violência não pré-determina comportamentos posteriores, nomeadamente violência nas relações íntimas (Kaufman & Zigler, 1987, cit. in Rosen, Bartle-Haring & Stith, 2001). É importante referir que as respostas das crianças às diferentes situações com que se deparam diferem entre si, pois há que ter em conta outras variáveis. Assim, as reac-

ções resultantes da observação de violência interparental variam consoante as características individuais das crianças, pois são criadas diferentes representações e são atribuídas significações divergentes (Sani, 2003), inerentes ao carácter idiossincrático do ser humano.

Dando igual relevo à modelagem por aprendizagem social Kwong, Bartholomew, Henderson e Trinke (2003) descrevem o modelo do trauma que postula que a transmissão intergeracional de violência nos relacionamentos pode ser explicada pelo facto da violência familiar produzir incapacidade de controlar impulsos, instabilidade do self, insegurança nas relações afectivas, raiva crónica e exteriorização da culpa. Assim, pode-se assumir que a modelagem não ocorre apenas devido a mecanismos vicariantes, mas está relacionada com determinadas características da personalidade que sustentam a agressão na intimidade.

Por outro lado, a mesma explicação serve para percebermos como a modelagem pode interferir não só com aspectos intrasujeito, mas influenciar igualmente mecanismos necessários ao estabelecimento de relacionamentos interpessoais. Desde a primeira infância, as relações familiares, especialmente entre pais e entre pais e filhos, influenciam a capacidade de regulação das emoções, o comportamento e as expectativas sobre o significado das relações interpessoais (Gilliom, 2002). Crianças que foram acarinhadas na infância desenvolvem a expectativa de que as suas necessidades serão satisfeitas através de relações interpessoais e terão maior capacidade de lidar de forma adaptativa com emoções negativas (Carlson & Stroufe, 1995). Crianças que experienciaram rejeição ou mau-trato têm tendência para apresentarem comportamentos hostis na resolução de problemas (Dodge, Bates & Pettit, 1990).

Mais recentemente, a Teoria Social Cognitiva, usada para explicar a agressão na infância e adolescência (Bandura, 2006) pode ter interesse particular para se compreender como se processam determinados mecanismos relacionados com a violência nos relacionamentos. Esta grelha teórica para além dos factores de personalidade e de maturação biológica, considera os factores ambientais (e.g., grupo de pares, família), que se combinam para formar estruturas e processos de memória que por sua vez vão influenciar as estratégias cognitivas aplicadas nas situações sociais. De acordo com esta teoria, a resposta comportamental social segue vários passos: atenção e interpretação do contexto e pistas internas (Pakaslahti, 2000). São então avaliados os potenciais resultados da situação e os objectivos estabelecidos, identificadas as estratégias comportamentais que podem conduzir a cada objectivo tendo em conta experiências passadas e outras fontes de informação. A estratégia é seleccionada tendo em conta a capacidade individual do indivíduo e a sua auto-eficácia, assim como características internas como atitudes e valores morais (Bandura, 2001). Foi identificada uma relação entre atitudes que toleram a violência e estratégias psicológicas agressivas ou violência física contra parceiros (Josephson & Proulx, 2008). Algumas das variáveis tidas em conta são a capacidade de resolução de conflitos, competências sociais (descodificação, tomada de decisão), a relação entre violência familiar e maus-tratos e comportamentos de dominância e controlo nas relações adultas, problemas de comunicação, agressividade e não assertividade, estilos de resolução de conflitos são transferidos de geração para geração (Bandura 1986; Schwartz, Hage, Bush & Burns 2006). O castigo corporal e a parentalidade coerciva podem estar relacionados com dificuldades nas competências sociais, assim como a negligência e rejeição por parte dos pais pode levar a atribuições hostis. Quando crianças experienciam abuso na sua família de origem aprendem formas erradas de processar e lidar com emoções, o que resulta em comportamento mal-adaptativos (Ehrensaft et al., 2003 cit. in Schwartz et al., 2006).

A nível cognitivo, nomeadamente no que diz respeito às funções executivas que auto-regulam o pensamento, acção e emoção, as variáveis mais estudadas são as componentes: vigilância e distratibilidade, planeamento e organização, resposta inibitória, categorização, atenção selectiva, scanning visual e linguagem verbal (Biederman, Monuteaux, Doyle, Seidman, Wilens, Ferrero, Morgan & Faraone, 2004). Seguin, Nagin, Assaad e Tremblay (2004) encontraram ligação entre deficits na memória verbal e não verbal e agressão física.

1.3. FACTORES CONTEXTUAIS E SITUACIONAIS

O Modelo de Modelo Riggs e O'Leary (1989) sobre a violência no namoro avança que os comportamentos aprendidos através da observação e imitação dos outros são depois mantidos através de diferentes reforços: contextuais e situacionais. As variáveis contextuais incluem a exposição a modelos de agressão em relações íntimas; a exposição a violência de pais sobre filhos; a aceitação da agressão como forma apropriada de resolução de conflitos; e experiências anteriores nas quais se recorreu à agressão (Riggs & O'Leary, 1989; Luthra & Gidycz, 2006). Por sua vez, as variáveis situacionais incluem o abuso álcool e/ou drogas; o recurso à violência por parte do parceiro; competências de resolução de problemas; e a duração da relação (Riggs & O'Leary, 1989; Luthra & Gidycz, 2006).

Cyr, McDuff e Wright (2006) apontaram como preditores de violência no namoro variáveis contextuais que envolvem factores mais distantes, como a agressão parental, e variáveis situacionais, que traduzem factores proximais, como por exemplo, o recurso à violência por parte do parceiro, a reciprocidade na violência e o número de parceiros.

Para terminar não podemos esquecer o peso da herança social e cultural, que nos é passada de geração em geração, que se reflecte na forma como as sociedades organizadas, nas leis e normas vigentes, nos valores que defende, nas práticas que vem legitimando. Nesta linha podemos referir a abordagem sócio-cultural, a qual procura nas organizações sociais e culturais, os grupos e factores responsáveis pela violência (Finkelhor et al., 1983; Russel, 1982; Straus et al., 1980, cit. in Gillioz, De Puy & Ducret, 1997). Podemos distinguir dois grandes níveis de análise: (1) o nível estrutural, onde são estudados as desigualdades entre os grupos sociais, que são determinados pelo curso, rendimentos sociais, o grupo étnico ou nível familiar; (2) o nível cultural tem que considerar as normas, os valores e a representação dos seus comportamentos.

CONCLUSÃO

A socialização do indivíduo no seio de uma família violenta tem sido o aspecto mais referenciado na literatura como estando na base da transmissão intergeracional de violência. Outros factores são igualmente apontados, mesmo tendo por referência os modelos de aprendizagem social, tais como o grupo de pares. Algumas variáveis intra-individuais e interindividuais são também indicadas como passíveis de modelagem e susceptíveis de ocasionar relações interpessoais violentas. Não podemos ainda esquecer alguns factores contextuais e situacionais, responsáveis pela emergência e manutenção de violência nos relacionamentos.

BIBLIOGRAFIA

- AVAKAME, E. F. (1998). Intergenerational transmission of violence, self-control, and conjugal violence: A comparative analysis of physical violence and psychological aggression. *In: Violence and Victims*, 13 (3), pp. 301-316
- BANDURA, A. (2001). Social cognitive theory: an agentic perspective. *In: Annual Review of Psychology*, 52, pp. 1-26.
- BANDURA, A. (2006). Toward a psychology of human agency. *In: Perspectives on Psychological Science*, 1, pp. 164-180.
- BANYARD, V. L., ARNOLD, S. & SMITH, J. (2000). Childhood sexual abuse and dating experiences of undergraduate women. *In: Child Maltreatment*, 5, 1, pp. 39-48.
- BIEDERMAN, J., MONUTEAUX, M. C., DOYLE, A. E., SEIDMAN, L. J., WILENS, T. E., FERRERO, F., MORGAN, C. L. AND FARAONE, S. V. (2004). impact of executive function deficits and attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD) on academic outcomes in children. *In: Journal of Consulting & Clinical Psychology*, 72 (5), pp. 757-766.
- CARLSON, E. A., & SROUFE, L. A. (1995). The contribution of attachment theory to developmental psychopathology. *In* Cicchetti, D. & Cohen, D. (Eds.), *Developmental processes and psychopathology: Theoretical perspectives and methodological approaches*. New York, Cambridge University Press, pp. 581-617.
- CYR, M., MCDUFF, P. & WRIGHT, J. (2006). Prevalence and predictors of dating violence among adolescent female victims of child sexual abuse. *In: Journal of Interpersonal Violence*, 21, pp. 1000-1017.
- DODGE, K. A., BATES, J. E., & PETTIT, G. S. (1990). Mechanisms in the cycle of violence. *Science*, 250, 1678-1683.
- DUTTON, D. (1999). Limitations of social learning models in explaining intimate aggression. *In: Arriaga, X. B. & OsKamp, S. (Eds.). Violence in intimate relationships*. Califórnia, Sage Publications, pp. 73-87.
- GELLES, R. J. (1997). *Intimate violence in families*. Thousand Oaks, Sage Publications
- GILLIOM, M., SHAW, D.S., BECK, J.E., SCHONBERG, M. A. & LUKON, J. L. (2002). Anger regulation in disadvantaged preschool boys: strategies, antecedents, and the development of self-control. *In: Developmental Psychology*, 38, pp. 222-235.
- GILLIOZ, L., DE PUY, J. & DUCRET, V. (1997). *Domination et violence envers la femme dans le couple*. Lausanne, Payot.
- GOMES, N. P., DINIZ, N. M. F., ARAÚJO, A. J. S. & COELHO, M. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *In: Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (4), pp. 504-508.
- GOVER, A.R.; KAUKINEN, C. & FOX, K. A. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *In: Journal of Interpersonal Violence*, 23 (12), pp. 1667-1693.
- JACKSON, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *In: Aggression and violent behaviour*, 4 (2), pp. 233-247.
- JOSEPHSON, W. L. & PROULX, J.B. (2008). Violence in young adolescent's relationships – a path model. *In: Journal of Interpersonal Violence*, 23 (2), pp. 189-208.
- KALMUSS, D. (1984). The intergenerational transmission of marital aggression. *In: Journal of Marriage and the Family*, 46, pp. 11-19.
- KAUFMAN, J. & ZIGLER, E. (1993). The intergenerational transmission of abuse is overstated. *In* Gelles, R. J. & Loseke, D. R. (Eds.) *Current Controversies on Family Violence*. Newbury Park CA, Sage, pp. 209-221.

- KWONG, M. J., BARTHOLOMEW, K., HENDERSON, A. J. Z. & TRINKE, S. J.** (2003). The Inter-generational transmission of Relationship Violence. *In: Journal of Family Violence*, 17(3), pp. 288-301.
- LUTHRA, R. & GIDYCZ, C.A.** (2006). Dating violence among college men and women: evaluation of a theoretical model. *In: Journal of Interpersonal Violence*, 21, pp. 717-731.
- MATOS, M.** (2002). Violência conjugal. *In: Gonçalves R. & Machado, C. (Coords.). Violência e vítimas de crime*, Vol.1: Adultos. Coimbra, Quarteto Editora, pp. 83-126.
- NETO, F.** (1998). *Psicologia Social*. Lisboa, Universidade Aberta.
- OWENS, DAVID M. AND MURRAY A. STRAUS.** (1975). The Social Structure of Violence in Childhood and Approval of Violence as an Adult. *In: Aggressive Behavior* I, pp. 193-211
- PAKASLAHTI, L.** (2000). Children's and adolescents aggressive behaviour in context: the development and application of aggressive problem - solving strategies. *In: Aggression and violent behaviour*, 5, pp. 467-490.
- RIGGS, D. & O'LEARY, K.** (1989). A theoretical model of courtship aggression. *In: Pirog-Good, M.A. & Stets J. E. (Eds.), Violence in dating relationships: Emerging social issues*. New York, Praeger, pp. 53-71.
- ROSEN, K. H., BARTLE-HARINH, S. & STITH, S.M.** (2001). Using Bowen Theory to Enhance Understanding of the Intergenerational Transmission of Dating Violence. *In: Journal of Family Issues*, 22 (1), pp. 124-142.
- SCHWARTZ, J. P., HAGE, S.M., BUSH, I. & BURNS, L. K.** (2006). Unhealthy Parenting and Potencial Mediators as Contributing Factors to Future intimate Violence: a review of the literature. *In: Trauma, Violence & Abuse*, 7 (3), pp. 206-221.
- SANI, A. I.** (2003). As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interpaparental. *Dissertação de Doutoramento não publicada*. Universidade do Minho. Braga.
- SEGUIN, J. R., NAGIN, D., ASSAAD, J. M., & TREMBLAY, R. E.** (2004). Cognitive-neuropsychological function in chronic physical aggression and hyperactivity. *In: Journal of Abnormal Psychology*, 113, pp. 603-613.
- VAN IJZENDOORN, M. H., SAGI, A. & LAMBERMON, M.** (1992). The multiple caregiver paradox: Data from Holland and Israel. *In: Pianti, R.C. (Ed.), New Directions for Child Development: Beyond the parent: The role of other adults in children's lives*. San Francisco, Jossey-Bass, pp. 5-27.
- WIDOM, C.S.** (1989). Child abuse, neglect and adult behavior: Research desing and findings on criminality, violence, and child abuse. *American Journal of Orthopsychiatry*, 59, 355-367